

**Folha de S. Paulo**

**30/1/1986**

### **As armas dos trabalhadores**

Jair Antonio Meneguelli

Nos últimos três anos, mais de quatrocentos trabalhadores rurais, entre dirigentes sindicais, bóias-frias, trabalhadores sem terra, foram assassinados por latifundiários, grileiros, jagunços e a própria polícia em vários Estados. Neste período, conhecidos fazendeiros declararam publicamente que estavam montando milícias particulares para combater posseiros, sindicalistas e trabalhadores sem terra. Até hoje, nenhum dos assassinos foi punido por estes atos de selvageria.

No início do ano passado, em Guariba, interior do Estado de São Paulo, centenas de bóias-frias foram brutalmente espancados pelas armas da "polícia democrática". Ficou por isso mesmo. Outras centenas de trabalhadores foram espancados na Villares de São Caetano unicamente porque exigiam melhorias salariais. No final de 85, no Jardim Estádio, em Santo André, mais algumas centenas de trabalhadores, entre eles mulheres, crianças e velhos, foram humilhados e espancados por mais de quinhentos policiais militares, armados de metralhadoras, cassetetes e bombas. Novamente os culpados não foram punidos. No último dia 11, sábado, dezenove trabalhadores urbanos morreram e mais setenta ficaram feridos em Manaus quando os três ônibus, em péssimas condições de uso, em que eram transportados, colidiram.

Quantas centenas de trabalhadores não morrem aos poucos, diariamente, vítimas de atividades insalubres e acidentes de trabalho, que na maioria das vezes poderiam ser evitados?

Às mortes dos trabalhadores a grande imprensa dá o espaço reservado a "nota de falecimento". Qual jornal, entretanto, deu manchete condenando as armas dos fazendeiros?

Em todos estes episódios de violência contra trabalhadores, a CUT, ao lado de outros setores democráticos, da sociedade, levantou sua voz, protestando contra a matança, a brutalidade, desmedida e desumana. Várias foram as ocasiões em que a CUT denunciou à sociedade a iminência de tais acontecimentos. Em todos eles apelamos às autoridades para que intercedessem no sentido de evitar o pior. Acima de tudo, nos esforçamos para, de algum modo, contribuir com o povo explorado deste país a ter suas reivindicações atendidas. Buscávamos, e continuaremos a buscar, justiça social, emprego para todos, terra para quem nela trabalha, salários e condições de trabalho dignos de um ser humano, fim das perseguições aos trabalhadores.

Qual leitor que se julgue medianamente informado tomou conhecimento de todas estas tragédias e da real posição da CUT em relação a estes fatos?

Lamentavelmente, constatamos que a verdadeira guerra, a promovida pelo poder constituído e pela classe empresarial contra a classe trabalhadora, uma guerra sofisticada e brutal ao mesmo tempo, merece pouca — ou quase nenhuma — divulgação por parte da imprensa. Talvez, falte interesse. Ou, mais interessante seria jogar a Central Única dos Trabalhadores e o Partido dos Trabalhadores contra a Igreja, a população e os setores democráticos da sociedade. Mais interessante, talvez, seria induzir a opinião pública a criar fantasmas, a viver a neurose da luta armada, ao se atribuir importância exagerada a uma frase que não passa de hipótese.

Quem tem armas de fogo são o Exército, a Marinha, a Aeronáutica. Quem usa armas são os latifundiários, que dispõem de milícias particulares para dizimar indefesos.

A arma da CUT e do PT é o poder de conscientizar o trabalhador. A arma do trabalhador é cruzar os braços, é não vender a sua força de trabalho, é brigar por melhores condições de vida, por salários justos. Nossas armas não matam ninguém. Apenas asseguram vida melhor para nós e nossas famílias.

Estamos, sim, numa guerra. Da parte dos trabalhadores o objetivo é conquistar justiça e igualdade social. E, nada mais lógico que a CUT enquanto legítima representante da classe trabalhadora, estimule o saudável e democrático uso destas armas. Somos de paz, mas não nos curvamos diante das pressões do poder.

É a nossa luta. é contra todas as injustiças que nos levantamos. Para dar um basta a tanta exploração e tanta miséria, vamos até o fim, às últimas conseqüências. Só armados até os dentes de consciência, os trabalhadores poderão chegar, um dia, a um Brasil, em que a riqueza seja, efetivamente, distribuída entre aqueles que a produzem.

***(Primeiro Caderno — Página 3)***